

## Identities or Roles? Performativities of Gender and the Press

Ana Luiza Timm Soares\*

**Resumo:** o presente trabalho têm como objetivo empreender análise de artigos do periódico rio-grandino *O Tempo*<sup>1</sup> verificando os embates travados por este em prol da perpetuidade de uma “identidade feminina”, em contraposição à uma “identidade feminista” sendo a primeira intrinsecamente imbricada, na visão deste meio de comunicação, à esfera privada, onde ser mãe, esposa e dona-de-casa fazia-se o ideal de mulher almejado pela sociedade do período. Além disso, pretende-se verificar a diferenciação existente entre os conceitos de *identidade* e de *papel social*.

**Palavras-chave:** Identidade, Gênero, Imprensa, Feminismo.

**Abstract:** this paper aims to undertake analysis of journal articles of the *O Tempo* noting the clashes stopped by this perpetuity in favor of a "female identity", as opposed to a "feminist identity" being the first inherently related, in vision this means of communication, the private sphere, where being a mother, wife and lady-of-home it was the ideal of woman desired by society of the period. Moreover, it is found to differentiate between the concepts of *identity* and *social role*.

**Key-words:** Identity, Gender, Press, Feminism.

Em “Orlando”, Virginia Woolf descreve vida de um homem que, repentinamente, transforma-se em mulher. Tendo diversos de seus direitos negados, Orlando passa a vivenciar novas experiências, advindas da mudança de sexo. Seu figurino acompanha esta transformação, (embora o personagem não entendesse como as mulheres respiravam quando moldadas por espartilhos) bem como seus afazeres, os quais se voltam, em sua maioria, ao âmbito doméstico. Mas seu nome permanece o mesmo. De certa forma, sua identidade é preservada, embora desempenhasse novos papéis. Para Virginia, a identidade de determinado sujeito<sup>2</sup> não está apenas, nem primordialmente, relacionada ao seu sexo.

Partindo de questões abordadas na obra de Woolf - já em princípios do século XX - o presente artigo têm como objetivo empreender análise de artigos de periódico rio-grandino *O Tempo*<sup>3</sup> verificando os embates travados por este em prol da perpetuidade de uma “identidade feminina”, em contraposição à uma “identidade feminista” sendo a primeira intrinsecamente

---

\* Mestranda do curso de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR), bolsista pela CAPES.

<sup>1</sup> O qual circulou na cidade do Rio Grande entre os anos de 1906 a 1960, fundado pelo jornalista Alípio Cadaval.

<sup>2</sup> Toma-se como parâmetro, aqui, a noção cunhada por Castells, para o qual, “sujeitos não são indivíduos, mesmo considerando que são constituídos de indivíduos. São o ator social coletivo pelo qual indivíduos atingem significado holístico em sua experiência (CASTELLS, 1997: p. 26).

<sup>3</sup> O qual circulou na cidade do Rio Grande entre os anos de 1906 a 1960, fundado pelo jornalista Alípio Cadaval.

imbricada, na visão deste meio de comunicação, à esfera privada, onde ser mãe, esposa e dona-de-casa fazia-se o ideal de mulher almejado pela sociedade do período. Além disso, pretende-se verificar a diferenciação existente entre os conceitos de *identidade* e de *papel social*.

Nesse sentido, compartilha-se da concepção de Denys Cuche, para o qual “a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais<sup>4</sup>”. Isto posto, acredita-se que através da internalização, pelos indivíduos, de determinada imposição social, definem-se sujeitos, e por consequência, suas identidades. Nesse âmbito, dever-se-á questionar o porquê da ênfase em uma “identidade feminina” fixa, binária, hierarquizante. Para Baczko<sup>5</sup>, em épocas de crise de um determinado poder acentua-se a produção de imaginários sociais divergentes, marcando dicotomias étnicas, regionais, de gênero, entre outras. Contudo, o que estaria ameaçando o *status quo* vigente no período? Visto que a esfera pública fazia-se, até então, território exclusivamente masculino, a inserção das mulheres neste ambiente através da concessão do sufrágio seria um indício de que os tempos estariam mudando, e a hegemonia masculinizante<sup>6</sup> nos mais diversos setores sociais se encontraria ameaçada.

Considerado por alguns como o movimento social de maior ênfase do século XX, o feminismo chega ao Brasil de forma efetiva a partir do pós-guerra<sup>7</sup>, mais precisamente na década de 1920. A conquista do sufrágio feminino em alguns dos países mais influentes da Europa traz à luz a questão da emancipação política da mulher brasileira. Surgem organizações oficiais dos direitos femininos no país, dirigidas por mulheres residentes na *urbe*, as quais faziam-se beneficiadas pelo avanço da educação formal que se processava desde o século XIX.

Desta forma, o movimento liderado por Bertha Lutz<sup>8</sup> na década de 1920 – cujas reivindicações assumiram caráter hegemônico naquele momento - ligava-se claramente ao exercício do trabalho, o acesso à educação, a plenitude de direitos políticos e civis. Apesar da multiplicidade de atividades que conseguiu empreender, abrindo várias frentes de luta, a conquista do voto, de acordo com o espírito da época, mereceu prioridade. Acreditava que o acesso aos direitos políticos era essencial à obtenção de garantias com base na lei. Nesse sentido, pode-se observar que o movimento feminista parece ter causado certas inquietações

---

<sup>4</sup> (CUCHE, 1999: p. 182)

<sup>5</sup> (Cf. BACZKO, 1984: p. 300).

<sup>6</sup> O termo é usado para designar discursos cujo conteúdo está em favor da *dominação masculina* (Bourdieu), independentemente se foi produzido por homens ou mulheres.

<sup>7</sup> Refiro-me à Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

<sup>8</sup> Principal representante do feminismo brasileiro no período.

no interior da sociedade urbana do país, fato amplamente difundido nas bibliografias utilizadas e discutido na cidade do Rio Grande pelo periódico analisado, como veremos a seguir.

O feminismo:

Somos daquelles (sic) que não acreditamos no movimento feminista em nosso paiz, (sic) em que péze (sic) as suas mais brilhantes defensoras.

Tudo quanto nesse sentido se tem feito ou se pretenda fazer por aqui, reduz-se a uma questão de temperamento, exaltação, desejo de ineditismos.

Porque afinal o feminismo no Brasil?

Numa terra onde a mulher desfructa (sic) o maior bem-estar; num paiz, (sic) onde o homem mantém o culto do bello (sic) sexo com verdadeiras subserviências, as idéas (sic) de equiparação dos direitos femininos aos masculinos tem qualquer coisa de extemporâneo.

A idéa (sic) póde (sic) ser procedente em se tratando de paizes (sic) outros.

Nos EUA, por exemplo. Ali haverá talvez necessidade de se dar á mulher misteres outros que não exatamente os do lar. Povo essencialmente pratico, (sic) a mulher ocupa na esphera (sic) das actividades (sic) um logar (sic) em nada inferior ao do homem.

Não assim em nossa pátria (sic). Ninguém vê a mulher como um factor (sic) de progresso material, a não ser o da reproducção; (sic) cada homem é um eterno enamorado, cada mulher uma deusa, a que rendem vassalagem dezenas de áulicos. Nos bondes, nos logares (sic) publicos, (sic) basta surgir uma mulher para que os homens se afastem, como se um ente sobrenatural passasse. Quando palestram com as senhoras, refinam o estylo, (sic) com receio de que uma palavra menos elegante fira as delicadas ouças da interlocutora.

Nenhum homem, no Brasil, julga de bom tom, ao lado de uma senhora ou senhorinha, fazer incidir a palestra sobre assumptos (sic) que não sejam o cinema, os vestidos, os bailes, quando muito as partidas de bolapé. Um homem que ignore taes (sic) assumptos, (sic) mas conheça a politica, litteratura (sic) ou finanças, sente-se impossibilitado de trocar idéas (sic) com as mulheres.

O feminismo não se comprehende, (sic) não tem razão de ser entre nossas gentes<sup>9</sup>.

Posto que o articulista do periódico afirma “(em nossa pátria) ninguém vê a mulher como como um factor de progresso material, a não ser o da reproducção”, cria-se, a partir daquilo que se diz, enunciados performativos<sup>10</sup> do que seria a “mulher brasileira”, diferenciando esta das demais mulheres que habitam o planeta, bem como anuncia uma relação de alteridade entre o que é considerado “masculino” do que é “feminino”. Para Silva<sup>11</sup>, ao serem pronunciadas, determinadas proposições fazem com que algo se efetive, ou seja, aquilo que se diz pode definir ou reforçar identidades.

No caso em questão, pode-se inferir que a mulher, no Brasil, deve ocupar um lugar privilegiado no que concerne ao âmbito doméstico, como mãe, esposa e dona-de-casa; evitando “aventurar-se” em outros campos, que parecem não lhe convir. Partindo destes pressupostos, poder-se-ia afirmar que estas atividades, exercidas na esfera privada, constituem

<sup>9</sup> (O Tempo, 05/10/1921 – Quarta-feira, 1ª pg, 2ª coluna).

<sup>10</sup> Toma-se, aqui, o conceito de performatividade cunhado por Judith Butler (1999), cujo cerne desloca a ênfase da identidade como descrição, como “aquilo que é”, para a idéia de “tornar-se”.

<sup>11</sup> (Cf. SILVA, 2000: p. 92 e 93)

*papéis*<sup>12</sup> designados ao “universo feminino”, e não *identidades*<sup>13</sup>. No entanto, a proposta do presente estudo é, justamente, problematizar e distinguir estes termos, como já se havia afirmado anteriormente. Com este intuito, parte-se da concepção cunhada por Castells<sup>14</sup>, para o qual as identidades constituem fontes de significação para os próprios atores sociais, enquanto papéis são definidos por instituições e organizações sociais. Nesse sentido, “identidades organizam significados, enquanto papes organizam funções<sup>15</sup>”.

Faz-se perceptível, a partir da análise da produção discursiva do jornal, o empenho deste meio de comunicação em relegar, às mulheres, a sensibilidade em detrimento da inteligência, o devotamento e a submissão, em lugar da ambição ou de especulações intelectuais que excedam as suas forças e ameacem a sua feminilidade<sup>16</sup>. Diferentemente de Orlando, o sexo parece definir de forma indelével a identidade destas mulheres. Mas qual seria a influência destas proposições no cotidiano destes sujeitos, e, conseqüentemente nas suas identidades? Segundo Swain, “o imaginário que aflora nos mais diferentes tipos de discursos é um forjador de sentidos, de identidades, de (in)coerências<sup>17</sup>”.

Neste âmbito, é precisamente porque as identidades são construídas dentro, e não fora, do discurso que precisa-se compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas definidas, por estratégias e iniciativas efetivas<sup>18</sup>. Desta forma, as identidades são construídas por meio da diferença, e não exteriormente à esta. Isso implica o reconhecimento de que é apenas por meio da relação com o Outro que o significado “positivo” de qualquer termo – e assim, sua identidade – pode ser construída<sup>19</sup>. Segundo Cuche, “a identidade existe sempre em relação a outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética. A identificação acompanha a diferenciação<sup>20</sup>”.

Para Woodward<sup>21</sup>, os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. Assim, a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. A afirmação da identidade e a

---

<sup>12</sup> Grifo meu.

<sup>13</sup> Grifo meu.

<sup>14</sup> (Cf. CASTELLS, 1997 : p. 23).

<sup>15</sup> (CASTELLS, 1997: p. 23).

<sup>16</sup> (Cf. SOHN, 1991: p. 117).

<sup>17</sup> (SWAIN, 1994: p. 48).

<sup>18</sup> (Cf. HALL, 2000: p. 109).

<sup>19</sup> (Cf. DERRIDA, J. *Positions*. Apud HALL, S. *Quem Precisa de identidade?* 2000: p. 110).

<sup>20</sup> (CUCHE, 1999: p. 183).

<sup>21</sup> (Cf. WOODWARD, 2000: p. 17).

enunciação da diferença traduzem o desejo de diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais<sup>22</sup>.

Efetivamente, sabe-se que as distinções não residem apenas na relação entre homens e mulheres, visto que o gênero feminino não se constitui em um aglomerado homogêneo cujas idéias e necessidades se fazem afins, e sim em uma multiplicidade de grupos, divergentes em suas identidades (sejam elas sexuais, culturais, étnicas) e, também, nas suas condições sócio-econômicas<sup>23</sup>. Através das leituras realizadas, percebe-se que na chamada “primeira onda do feminismo” (a qual abrange o período estudado) as manifestações pela igualdade entre os sexos estavam ligadas ao interesse das mulheres brancas e de camadas abastadas dos grandes centros urbanos brasileiros<sup>24</sup>.

Entretanto, é preciso notar que a invisibilidade produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizam o mundo doméstico, como “verdadeiro” universo feminino, já vinha sendo gradativamente rompida por algumas mulheres, principalmente no que concerne às camadas menos abastadas da sociedade: trabalhadoras dos meios urbano e rural exerciam atividades fora do lar nas fábricas, oficinas e lavouras; mas cujos anseios ainda não estavam intrinsecamente ligados à emergência do feminino em amplos e divergentes campos de exercício do poder na nascente nação brasileira<sup>25</sup>.

Em artigo publicado pela revista *Labrys*, Rachel Soihet<sup>26</sup> relata que, em princípios do século XX, distintos meios de comunicação utilizavam-se sutilmente do deboche e da zombaria como forma de constranger mulheres que lutaram por direitos, buscando frear quaisquer alterações nas relações de gênero, aprisionando-as em papéis que lhes impossibilitassem o exercício de plena cidadania.

Assim, os enunciados performativos do feminino e do masculino que habitam o periódico estudado destacam para uma pesada divisão de poderes e importância na sociedade, cujos valores ficam impressos no texto. Para Luc Capdevilla<sup>27</sup>, a difusão de tal discurso pode estar ligado à questão do pós-guerra, partindo da problemática se o período bélico reforça ou não as fronteiras do gênero. Por muito tempo ouviu-se que grande parte da responsabilidade

---

<sup>22</sup> (Cf. SILVA, 2000: p. 81).

<sup>23</sup> “(...) (diferentemente) de uma postura inicial em que se acreditava na possível identidade única entre as mulheres, passou-se a uma outra em que se firmou a certeza na existência de múltiplas identidades. (SOIHET, 1997: p. 277)”.

<sup>24</sup> (Cf. LOURO, 1997: p. 15).

<sup>25</sup> Efetivamente, não me encontro na posição reacionária de afirmação da inexistência de sentimentos críveis de mudança no interior das camadas populares brasileiras, e sim, de que estas não se ligavam substancialmente; ao menos neste momento; às relações de gênero, sendo suas reivindicações mais urgentes imbricadas à questões econômicas.

<sup>26</sup> (Cf. SOIHET, 2003, p. 01).

<sup>27</sup> (Cf. CAPDEVILLA, Entrevistado por PEDRO, 2005: p. 02).

da crescente presença das mulheres no espaço público deveu-se a sua presença nas fábricas e em diferentes setores - antes apenas masculinos - o que era exigido pelo esforço feito pelas nações envolvidas nas duas grandes guerras mundiais.

Essa afirmação, entretanto, nunca foi consenso: Françoise Thébaud<sup>28</sup> e outras historiadoras mostram como as duas guerras, e ela refere-se especialmente à primeira, interromperam o movimento feminista que na época lutava pelo direito ao voto. Apontam, inclusive, como as nações em guerra reforçam identidades de gênero e após o conflito as crises demográficas dão ensejo a toda uma simbologia de enaltecimento da maternidade. Visto isso, pode-se apreender que a guerra teria reforçado uma identidade masculina hegemônica, em crise nas vésperas do conflito, e repostado (ou reafirmado) as mulheres no seu lugar de mães dedicadas, donas de casa, esposas submissas e admiradoras<sup>29</sup>.

Partindo do pressuposto de que a belicosidade faz parte das “Políticas da Masculinidade<sup>30</sup>” descritas por Robert Connel, o esforço em forjar identidades fixas para os sujeitos após tal período - neste caso, da Primeira Guerra Mundial - se faz indelevelmente plausível. Neste âmbito, “as masculinidades estão profundamente implicadas à violência organizada, nas tecnologias e nos sistemas de produção que levam à destruição ambiental e à guerra nuclear<sup>31</sup>”.

Desta forma, segundo Gilles Lipovetsky, a marcha pela igualdade não arruinou as oposições de gênero, sendo que as identidades sexuais mais se recompõem do que se desfazem, sendo que o homem permanece prioritariamente associado aos papéis públicos e ‘instrumentais’, e a mulher aos privados, estéticos e afetivos: longe de operar uma ruptura com o passado histórico, a modernidade trabalha em reciclá-lo continuamente<sup>32</sup>. Visto que este autor analisa a sociedade contemporânea – princípios do novo milênio - ao transportar suas idéias para a segunda década do século XX, evidencia-se que as transformações ocorridas no período do pós- primeira guerra não modificaram de forma indelével as construções identitárias dicotômicas entre homens e mulheres, pelo contrário, reforçaram-nas.

É interessante observar estas questões no contexto brasileiro e, mais especificamente, rio-grandino. Embora o país não tenha participado de forma efetiva na Primeira Guerra, as apropriações binárias no que concerne às identidades de gênero ganham, no país, terreno fértil à sua proliferação. Pode-se verificar este fato a partir da leitura do artigo a seguir:

---

<sup>28</sup> (Cf. THÉBAUD, 1991: p.32).

<sup>29</sup> (IDEM: p. 33).

<sup>30</sup> (Cf. CONNEL, 1995).

<sup>31</sup> (CONNEL, 1995: p. 186).

<sup>32</sup> (Cf. LIPOVETSKY, 2000: p. 15)

A mulher foi creada (sic) para ser a rainha da família, da cidade, do paiz, (sic) do mundo inteiro. Aquela que souber cumprir o seu dever na sociedade, dever de filha, irmã, esposa e mãe, não terá nunca falta de consolo, não conhecerá nunca as oras (sic) amargas do arrependimento tantas vezes tardio; será sempre uma fonte inesgotável de felicidade vivificadora para todos que a rodearem. Os tempos atuais (sic) proclamam a mulher independente, conferindo-lhe quase todos os papeis, (sic) até então desempenhados só pelos homens. É muito bom que a mulher seja livre, que saiba manter-se por si mesma, com onestidade (sic) e firmeza, (sic) que tenha preparo intelectual (sic) e concorra, o quanto possível para o bem comum, mas como Mãe o seu papel é mil vezes mais importante e sublime porque ela deve ser a Rainha do Lar e o lar doméstico (sic) é a mais importante escola do caráter. Aquela que governar com retidão sua casa, governará a humanidade, (sic) será a Rainha do Lar e a Rainha do Mundo!<sup>33</sup>

Assim, apesar de ser “muito bom que a mulher seja livre, que saiba manter-se por si mesma” ela não deve relegar o seu papel mais sublime: o de mãe dedicada, enclausurada na esfera privada do lar, do contrário, poderá *arrepender-se tardiamente*<sup>34</sup> de seus atos independentes e emancipadores. “Governando o lar, a mulher governará o mundo”, ou seja, não se faz necessária a participação da mulher na política de forma *direta*<sup>35</sup> (através do sufrágio), visto que *indiretamente*<sup>36</sup> (criando os filhos, cuidando do marido, do pai, dos irmãos) ela já conduz a humanidade.

Mas o que faz este meio de comunicação debater, de forma tão engajada, acerca de uma possível “identidade feminina”? Como já afirmado anteriormente, a repetição deste discurso por parte do periódico estudado sinaliza a possibilidade de mudanças na sociedade - sendo objeto deste estudo àquelas empreendidas pelo movimento feminista - e com isso, desconfigura a idéia de identidades fixas para os sexos, iniciando-se assim, uma crise. Para Azevedo, “um rearranjo de seu ambiente *natural* ou técnico podem colocar em questão, momentânea ou duradouramente, esta configuração (identitária)<sup>37</sup>”.

Nesse sentido, a conquista do sufrágio por parte do contingente feminino não traria apenas um novo papel a ser exercido pelas mulheres, seja este o de eleitora ou elegível, e sim, a possibilidade de uma nova identidade, não mais vinculada apenas ao âmbito privado. Embora o feminismo de princípios do século XX tivesse como prioridade o acesso a direitos

---

<sup>33</sup> (O TEMPO, 09/11/1921, p.01).

<sup>34</sup> (Grifo meu).

<sup>35</sup> (Grifo meu).

<sup>36</sup> (Grifo meu).

<sup>37</sup> (AZEVEDO, 2003: p. 44).

políticos, dava-se um primeiro passo em direção à emancipação efetiva do “segundo sexo”<sup>38</sup> frente à sociedade predominantemente falocêntrica<sup>39</sup>.

Assim, não há como negar a ação do feminismo num momento decisivo, em meio aos preconceitos nos mais diversos âmbitos, pois penetrar na esfera pública era um velho anseio, por longo tempo vedado às mulheres. Significava uma conquista, possibilitando-lhes, segundo Hannah Arendt, assumir sua plena condição humana através da ação política, da qual haviam sido violentamente excluídas ao longo da História<sup>40</sup>.

Segundo Woodward<sup>41</sup>, a identidade é marcada pela diferença, no entanto, algumas distinções são vistas como mais importantes do que outras, dependentes, estas, de contextos históricos específicos. Assim, embora para determinado indivíduo possa haver múltiplas identidades<sup>42</sup>, pode-se inferir, através da análise do jornal *O Tempo*, que na sociedade estudada as concepções identitárias ligadas ao gênero faziam-se preponderantes no período estudado.

Nesse sentido, ao imprimir enunciados performativos sobre a mulher brasileira, o referido periódico contribui ao processo de subjetivação do feminino, “estabelecendo lugares de fala e atuação, delimitando funções, induzindo comportamentos, instituindo representações sociais e, sobretudo, restringindo o humano à condição binária, hierárquica e reprodutora”<sup>43</sup>. Além disso, ao invalidar a atividade do movimento feminista através de artigos que caracterizavam o Brasil como um país onde não havia necessidade do feminismo, o jornal almejava a perpetuação do poderio masculino na sociedade, principalmente no que concerne à esfera política. Para além das aparências, as normas tradicionais continuavam vivazes no pós-guerra.

Nesse âmbito, vários discursos - religiosos, médicos, filosóficos, pedagógicos, literários - foram acionados, em princípios do século XX, colocando em circulação representações de gênero e sexualidade, geralmente baseadas em concepções de uma natureza biológica específica, reforçando, em alguma medida, a desigualdade entre mulheres e

---

<sup>38</sup> Alusão ao livro de Simone de Beauvoir, publicado originalmente em 1949, com o título “Le deuxième sexe.”

<sup>39</sup> “A heterossexualidade compulsória, termo cunhado por Adrienne Rich (1981) constitui fundamento do sistema patriarcal, e esta categoria expressa muito além da sexualidade. (...) Neste sistema, as mulheres são definidas por seus corpos, em duas vertentes: o da procriação e a da sedução, ambas ligadas intrinsecamente ao masculino. (SWAIN, 2007: p. 09).”

<sup>40</sup> “Passavam as mulheres, segundo Hannah Arendt, a garantir sua transcendência, pois o espaço público, afirma aquela filósofa, não pode ser construído apenas para uma geração e planejado somente para os que estão vivos: deve transcender a duração da vida dos homens mortais, aos quais acrescentamos, também, a das mulheres mortais. (SOIHET, s/data: p. 07)”.

<sup>41</sup> (Cf. WOODWARD, 2000: p. 11).

<sup>42</sup> (Cf. AZEVEDO, 2003; BORBALAN, 2004; BAUMAN, 2005; CASTELLS 1997; HALL, 2003).

<sup>43</sup> (SWAIN, 2001: p.17).



homens<sup>44</sup>. Desta forma, Guacira Louro<sup>45</sup> afirma que os discursos e práticas constituidores dos sujeitos e as disputas por representação que são empreendidas pelos vários grupos culturais, demonstram o caráter construído e incompleto, a provisoriedade e a instabilidade de todas identidades sexuais e de gênero.

Enquanto Virginia Woolf transcendia as barreiras de gênero com seu/sua Orlando – a obra foi publicada em 1928, sendo contemporânea à cronologia deste estudo – a construção de identidades fixas para os sujeitos, empreendidas pelo meio de comunicação analisado fabrica corpos dóceis<sup>46</sup>, induz comportamentos, limitando o humano à apenas uma de suas múltiplas facetas. Nesse sentido, Tânia Swain afirma que “discursos sociais produzem sexo – corpos biológicos – de forma mais densa no binário e na hierarquia, e assim produzem gêneros, diferenças, margens, centros, polaridades, padrões, tipologias e as diferenças assim instituídas trazem as marcas do político, das relações de poder de um patriarcado que ainda não disse suas últimas palavras<sup>47</sup>” na atualidade, quem dirá em princípios do século XX.

### **Bibliografia:**

AZEVEDO, Cecília. *Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão*. In: ABREU, Marta & SOIHET, Rachel (org.). *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro, FAPERJ e Casa da palavra: 2003.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor: 2005.

BACZKO. *Imaginação Social*. In. Dicionário Einaudi: 1984.

BORBALAN, Jean-Claude Ruano. *La Construcción de L'Identité*. In: Sciences Humaines Éditions. *Identité(s): L'individu, Le groupe, La société*. Auxerre Cedex: 2004.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre o limite discursivo do sexo*. In: LOURO, Guacira (org). *O corpo Educado, pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica: 1999.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade. Volume II*. São Paulo, Paz e Terra: 1997.

CAPDEVILLA, Luc. *As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevilla*. In PEDRO, Joana. Rev. Estud. Fem. v.13 n.1 Florianópolis jan./abr. 2005

CUCHE, Denys. *A noção cultura nas ciências sociais*. Bauru, EDUSC: 1999.

CONNEL, Robert. *Políticas da Masculinidade*. In: Educação e Realidade/ UFRGS, vol. 20, nº 2. Porto Alegre, jul/dez:1995.

DERRIDA, Jacques. *Positions*. Apud HALL, Stuart. *Quem Precisa de identidade?* In: SILVA, Thomas Tadeu (org). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Editora Vozes: 2000.

FELIPE, Jane. *Governando Corpos Femininos*. Labrys, N° 4, Ago-Dez: 2003.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola: 1996.

\_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Vega Passagens, 1992.

<sup>44</sup> (Cf. FELIPE, 2003: p. 01).

<sup>45</sup> (Cf. LOURO, 2004: p. 01).

<sup>46</sup> (Cf. FOUCAULT, 1992)

<sup>47</sup> (SWAIN, 2006: p. 05).

\_\_\_\_\_. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária: 2008.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal: 1979.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo, Cia. Das Letras: 2000.

LOURO, Guacira Lopes. *Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer*. Labrys, N° 6, Ago-Dez: 2004.

\_\_\_\_\_. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Ed. Vozes: 1997.

SILVA, Thomas Tadeu. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, Thomas Tadeu (org). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Editora Vozes: 2000.

SOHIET, Rachel. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo. (org). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, Campus: 1997.

\_\_\_\_\_. *Sutileza, Ironia e Zombaria: instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação*. Labrys, N° 4. Ago- Dez: 2003.

\_\_\_\_\_. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Florianópolis/Santa Cruz do Sul, Editora das Mulheres/EDUNISC: 2006.

SOHN, Anne-Marie. *Entre duas guerras. Os papéis femininos na França e na Inglaterra*. In: DUBY, Georges & PERROT, Michele. *História das mulheres no ocidente. O século XX*. Porto Alegre, Edições Afrontamento Ltda: 1991.

SWAIN, Tânia Navarro. *Intertextualidade: perspectivas feministas e foucaultianas*. Labrys, N° 5. jan-jul. de 2004.

\_\_\_\_\_. *Lesbianismos, cartografia de uma interrogação*. In: *Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande, Editora da FURG: 2007.

\_\_\_\_\_. *Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas "femininas"*. In: *História: Questões e debates*. Curitiba: Ed. da UFPR, v. 18, n° 34, jan/jun. 2001.

\_\_\_\_\_. *Entre a vida e a morte, o sexo*. In: Labrys, N° 10. jul-dez de 2006.

\_\_\_\_\_. *Você disse Imaginário?* In: SWAIN, Tânia (org.) *História no Plural*. Brasília, Ed. UNB: 1994.

THÉBAUD, François. *A Grande Guerra: o triunfo da divisão sexual*. In: DUBY, Georges & PERROT, Michele. *História das mulheres no ocidente. O século XX*. Porto Alegre, Edições Afrontamento Ltda: 1991.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução técnica e conceitual*. In: SILVA, Thomas Tadeu (org). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Editora Vozes: 2000.

WOOLF, Virginia. *Orlando: Uma Biografia*. Tradução de Laura Alves. São Paulo, Editora Nova Fronteira: 1977.